

ALEXIS
HENDERSON



ACADEMIA
DA
MENTIRA

TOP
SEL
LER

PARA OS QUE TÊM MAGIA NO SANGUE...

Este é para a Alice

1



Havia algo nos espelhos da casa de banho. Lennon reparou pela primeira vez quando estava entre eles, a preparar-se para a sua festa de noivado. Um dos espelhos estava pendurado por cima do lavatório atrás de si, o outro estava pendurado por cima do lavatório à sua frente. De pé entre ambos, ela fitava de olhos inexpressivos os seus próprios reflexos, que se refletiam uns nos outros, sucessivamente, encolhendo-se no éter escuro e distante até se perderem.

Cada um deles parecia infeliz, o que era de esperar.

Há já algum tempo que se tinha apercebido de que a sua infelicidade não tinha tanto que ver com o casamento, mas consigo própria. Nos últimos meses, sentia-se perdida — desmotivada, discordante, a ocupar o próprio corpo com uma estranha sensação de mal-estar, como quem espera num terminal de aeroporto ou no átrio de um motel barato. O seu próprio corpo parecia-lhe um espaço de transição.

Esperava que as coisas mudassem com o noivado. Por isso, tinha ido às provas do bolo e do vestido, pagado a caução para o local da festa e contratado um fotógrafo cinematográfico, que viria de fora do estado para a ocasião. Também tinha enviado convites selados com cera para todo o país, para os membros da sua família e para alguns amigos que lhe serviriam apenas para preencher cadeiras. E agora aqui estava ela, sozinha na sua casa de banho, arrependida de tudo e tão desesperada por estar em qualquer lado, em qualquer lugar, que

quase preferia morrer a ter de enfrentar a festa de noivado que se desenrolava do outro lado da porta do seu quarto. Portanto, foi quase um milagre que tivesse terminado a maquilhagem. O seu corpo parecia realizar o ato sozinho e, quando terminou, olhou para todos os seus rostos no espelho e viu várias versões de si mesma, todas elas estranhas, como se não reconhecesse nenhuma.

E então deu uma bofetada a si própria.

Ergueu uma mão — e todas as outras Lennons no espelho fizeram o mesmo —, seguindo-se um estalo agudo na sua bochecha recém-corada. O som da bofetada percorreu a legião de reflexos e depois parou.

Uma das Lennons no espelho não atingiu a sua bochecha. Não se mexeu de todo, exceto para sorrir, com os lábios repuxados nas extremidades, como se os cantos da sua boca estivessem presos a fios que tinham sido puxados com força. Em seguida, desviou-se da fila, avançando por entre as fileiras, movendo-se na sua direção. Era parecida com ela em quase todos os aspetos — os braços bronzeados e ossudos esparsamente tatuados, o nariz alto e fino salpicado de sardas, as longas tranças a caírem-lhe até meio das costas —, mas havia uma diferença gritante entre Lennon e o reflexo defeituoso no espelho: Lennon tinha olhos, mas esta... *coisa* não. A coisa avançou na sua direção, sempre a sorrir.

Lennon voltou-se rapidamente para encarar o espelho atrás de si, porém, não viu nada a não ser a mesma rapariga a mover-se na sua direção, por entre as fileiras de reflexos. Em pânico, olhou de relance para a casa de banho, mas viu que estava sozinha.

A desertora aproximava-se, contornando cautelosamente os seus pares, por vezes entrelaçando-se entre eles, deixando os seus dedos percorrerem os seus ombros nus à medida que passava por eles. Só parou quando chegou ao reflexo mais próximo de Lennon, pondo-se em bicos de pés para parecer um ou dois centímetros mais alta. A aberração no espelho pôs as mãos à volta da cintura de Lennon por trás, como se fosse um amante. Em seguida, abriu a boca e depositou-lhe um beijo na suave junção do pescoço com o ombro.

Lennon cambaleou, recuando para o lavatório, com os braços a rodopiar, derrubando um frasco de bolas de algodão que estava em cima da bancada. Este partiu-se com o impacto ao cair no chão.

Fez-se silêncio, seguido de uma batida na porta. Sabia que era o noivo, Wyatt, para saber como estava. Já estava mais de uma hora atrasada para a sua própria festa de noivado e, pelo tom tenso na voz do noivo, percebeu que ele já estava a perder a paciência.

— Estás bem?

— Sim, ótima! Saio já. — Cuidadosamente, Lennon apanhou os cacos de vidro e pô-los no lixo, arriscando olhar de relance para o espelho enquanto o fazia. A coisa tinha desaparecido, mas podia jurar que ainda conseguia sentir os vestígios húmidos daquele beijo na curva do ombro.

Levantou-se apressadamente e fugiu da casa de banho.

A casa estava repleta de amigos do corpo docente da universidade onde Wyatt trabalhava. Uma dessas pessoas, uma mulher da alta sociedade, branca, com um blazer de *tweed* elegante, parou abruptamente de sussurrar quando Lennon saiu do quarto. Exalava um certo ar de importância — que a Lennon lembrava o perfume *Chanel No. 5*. A mulher olhou para ela, ligeiramente sobressaltada, como se ela fosse uma intrusa e não alguém que vivia ali.

Esta era a desconfortável realidade da sua vida em Denver. As visitas ocasionais de conhecidos distantes sempre que a polícia cometia um homicídio ou os protestos que se lhe seguiam. As perguntas indiscretas sobre a sua composição genética, a sua nacionalidade, o local de nascimento, a textura do seu cabelo e se era mesmo seu. Depois, havia os conhecidos nos jantares de Wyatt que questionavam a cor dos seus olhos, como os tinha herdado e com o quê ou quem tinha sido «cruzada». Seguiam-se as questões sobre a sua ascendência e a dos seus pais, porque esses mesmos conhecidos agora se perguntavam se os seus avós também tinham os olhos do mesmo tom de avelã, tão turvos como os dela. Era uma forma subtil de a pôr de parte, ou talvez, mais precisamente, uma maneira de a distanciar, que fazia com que Lennon sentisse que nunca

conseguiria criar as ligações íntimas e genuínas que tanto desejava. Por isso, deixara de tentar.

Ainda visivelmente abalada pelo que acontecera na casa de banho, forçou um sorriso e abriu caminho pela casa, um rancho de meados do século passado com um pátio interior, onde havia um jardim de catos e um grande lago de carpas totalmente cheio. Todos os anos, Wyatt esquecia-se de retirar os peixes antes da primeira geada do inverno. Lennon lembrou-se de uma das primeiras noites que ambos passaram na casa. Lá fora caía um nevão e tinham ficado sem eletricidade, o que os obrigou a dormir no chão da sala, em frente à lareira, para se aquecerem. Ao amanhecer, Wyatt acordou sobressaltado, murmurando um «Foda-se».

Foi rapidamente buscar um balde à dispensa, arrastou-se até à cozinha para o encher com água quente da torneira e tirou um martelo de carne da gaveta antes de sair a cambalear, arrastando-se por entre montes de neve até à borda do lago de carpas, onde se ajoelhou e começou a martelar a espessa crosta de gelo. Removeu várias placas de gelo pesadas da superfície do lago antes de proceder à extração manual de cada uma das oito carpas, colocando-as no balde de água morna para descongelarem. Em seguida, arrastou o balde para dentro de casa e despejou os peixes diretamente na banheira, que encheu com água morna.

Lennon sentou-se no chão da casa de banho, os braços cruzados sobre a borda da banheira, o queixo apoiado neles, a ver as carpas voltarem lentamente à vida. Tocou inclusive em algumas delas, deixando que os seus dedos deslizassem suavemente pelos espinhos escorregadios, à medida que despertavam do seu sono. Mas uma das carpas não reagiu ao seu toque. Flutuou imóvel no fundo da banheira. Em pânico, Lennon tirou-a da água e envolveu-a apressadamente numa toalha de mãos. Segurando o peixe junto ao peito, levou-o até à cozinha, onde Wyatt estava de pé, a fumar um charro para aliviar o stress. Ele pegou no cadáver meio congelado com as mãos nuas, deixando a toalha húmida para trás, e examinou-o à luz pálida da manhã que entrava pelas janelas.

— Sabes, não é o frio que as mata — disse, como se tentasse desculpar-se. O peixe morto deixava pingos de água no chão acabado de lavar, mas Wyatt não pareceu reparar. Ou, se reparou, não se importou. — Elas sufocam. Não conseguem respirar debaixo do gelo.

— Não conseguem respirar a água?

— Elas respiram o oxigénio que existe na água — respondeu ele, com toda a naturalidade, virando-se em seguida para atirar o cadáver da carpa para o lixo, que bateu no fundo do caixote com um baque desagradável. — Mas debaixo do gelo não há oxigénio suficiente.

Foi nessa altura que Lennon começou a amá-lo, por mais insensato que fosse. Era tão jovem naquela altura e parecia-lhe que Wyatt sabia tudo e mais alguma coisa. Achava-o a pessoa mais inteligente que já conhecera e sentia-se ainda mais sedutora por ser a destinatária do seu amor piedoso... ou, na melhor das hipóteses, pelo menos o foco da sua atenção. Se ele se tivesse ajoelhado para a pedir em casamento naquele momento, tinha a certeza de que teria dito que sim, sendo a rapariga ingénua e apaixonada que era.

No fim de contas, teria de esperar mais um ano até que Wyatt finalmente a pedisse em casamento (se é que se podia chamar-lhe um pedido de casamento). Ele havia abordado o assunto no jardim da frente — não de joelhos, mas de pé, ao lado do lago de carpas vazio. Todos os peixes já tinham morrido e desaparecido, perdidos para mais um inverno. Em breve seriam substituídos por novos e dispendiosos peixes importados, carpas de barbatanas longas vindas de Quioto.

Na altura, Wyatt não tinha nenhum anel ou pergunta para fazer. Já sabia qual seria a resposta. Limitou-se a dizer que gostava da ideia de casar no outono.

Esta noite, as carpas pareciam confortáveis, a nadar por baixo dos seus nenúfares, as suas barbatanas esguias movendo-se como tecido ao vento. Alguns convidados — académicos e administrativos cujos nomes ela não sabia — fumavam e bebiam cocktails à beira da água. Acenaram-lhe, com alguma hesitação, e Lennon retribuiu o gesto enquanto atravessava rapidamente o pátio.

Foi dar com Wyatt na cozinha, a cortar fatias finíssimas de lima ao lado de dois colegas. Wyatt era atraente, as mangas da camisa arreçadas até aos cotovelos, os antebraços bem definidos e cobertos por uma leve penugem de pelos castanhos e encaracolados. Tinha os olhos azuis, penetrantes, e era alto e desengonçado, com a pele pálida ligeiramente sardenta, um nariz grande e nitidamente aristocrático, e um sorriso juvenil, rasgado, que lhe lançou forçadamente quando ela se aproximou dele.

— Desculpa — disse ela enquanto ele a puxava para um abraço. — Não sei se é da nova medicação, mas acho que vi qualquer coisa na casa de banho...

— Falamos mais tarde — replicou ele entre dentes cerrados, sorrindo ao mesmo tempo.

O amigo mais próximo de Wyatt, que também era professor, o loiro e esguio George Hughes, estava ao seu lado, agitando vigorosamente o conteúdo de um shaker de cocktails. Enquanto o fazia, relatava os pormenores da sua mais recente viagem de investigação à Rússia. Doutorado em Arquitetura, tinha ido estudar uma estrutura brutalista de grande importância naquele país.

— É um edifício espantoso. O espírito da antiguidade comunista literalmente transformado em betão. Tive de viajar quase cem quilómetros para norte numa moto de neve para lá chegar, e fiz a última parte da viagem a pé, a coxear, com um par de raquetes de neve partidas que mal se agarravam às minhas botas, e mesmo assim não me deixaram entrar para o ver.

Ao lado de George estava a amiga em comum, Sophia, a medir pequenas colheres de gelo para as respetivas canecas de cobre. Naquela noite, trazia o cabelo — de um tom bege pálido, como a casca de um amendoim — cuidadosamente penteado sobre um dos ombros. A camisola, num cinzento elegante, estava meio enfiada no cóis das calças. Sophia franziu os lábios e atirou um beijo pelo ar na direção de Lennon, em jeito de saudação.

— Ora aqui está a noiva radiante!

Lennon obrigou-se a sorrir.

Sophia era boa a fingir ser gentil (ou talvez fosse realmente gentil, e Lennon, demasiado amarga para o admitir). As duas já tinham sido amigas. Ou algo parecido, pelo menos. Sophia tinha-se transferido para a Universidade do Colorado pouco depois de Wyatt ter entrado para o corpo docente. Era casada, mas o marido viajava frequentemente em trabalho e quase nunca estava presente, pelo que, nos primeiros tempos em Denver, Sophia tornara-se uma presença constante. Mas Lennon não se importava com isso, pois descobriu que gostava mais de Wyatt quando Sophia estava por perto. Assim, ele sorria mais e ambos discutiam menos.

Mas as coisas mudaram com o tempo. Enquanto Lennon passava por uma sucessão de terapeutas e suportava breves estadias em vários hospitais e centros de reabilitação pela cidade, Sophia (que era psicóloga) obtinha bolsas de investigação, publicava artigos em revistas científicas de prestígio, defendia a sua tese de doutoramento e assegurava um cobiçado estágio no Hospital da Universidade do Colorado, onde trabalhava atualmente.

Ambas deixaram de ter contacto. Wyatt era, naquele momento, o único elo de ligação entre as duas, mas parecia cada vez mais satisfeito em manter separadas as duas esferas da sua vida: a que partilhava com Lennon e a da universidade. Assim, Sophia tornou-se menos amiga de ambos e mais amiga de Wyatt, especificamente. Os dois confiavam um no outro enquanto colegas, partilhavam os vários triunfos e infortúnios das respetivas áreas — Wyatt divulgava as dificuldades da sua investigação, a falta de financiamento, as bolsas que ambicionava mas não conseguia obter, e Sophia partilhava as exigências da sua vida como médica, esforçando-se para concluir a segunda metade do internato e depositando as suas esperanças nas vagas para docentes que esperava que surgissem em faculdades vizinhas. Lennon, na maior parte do tempo, era deixada de lado.

O jantar foi servido no pátio das traseiras. Lennon e Wyatt sentaram-se em extremos opostos de uma longa mesa de banquete. Durante o jantar, Lennon observava o noivo através dos finos rastros de fumo de erva que se dissipavam no ar entre os dois. Ele possuía

aquele tipo de carisma arrebatador que ela sempre invejara, um fascínio quase hipnótico que atraía as pessoas como traças para a luz e fazia com que todos desejassem ser vistos e amados por ele. Conseguia vê-lo agora, enquanto ele conversava com os colegas, dominando a mesa de tal forma que até os que estavam sentados na extremidade oposta se inclinavam para a frente, esticando-se para captar cada uma das suas palavras. Eram pessoas que confundiam grandeza com a sua sombra. Enquanto estivessem na presença da genialidade, elas próprias se sentiam brilhantes por associação. Lennon sabia disso porque um dia fora igual — deslumbrada, convencida de que a simples presença de Wyatt era suficiente para a fazer sobressair da escuridão da sua própria mediocridade.

Na altura, Lennon era calouira — ingênua e imatura — e estudava Literatura Inglesa na Universidade de Nova Iorque. Já Wyatt tinha sido poeta residente numa das universidades vizinhas. Ela tinha assistido a uma das suas leituras, e ele tinha demonstrado interesse nela porque, aparentemente, ela se parecia com uma atriz de um filme francês de arte que ele adorara na adolescência. Lennon, por sua vez, nunca o tinha visto (e nunca se deu ao trabalho de o fazer).

Ainda assim, apaixonaram-se como a maioria das pessoas se apaixonam — sentindo que estavam a viver o amor pela primeira vez. Foi tudo tão rápido e intenso que Lennon começou a suspeitar que talvez essa fosse a verdadeira causa do seu colapso. Aprendera, desde nova, que a mudança era o seu maior gatilho. Podia ser uma mudança para melhor ou pior — não importava; o seu corpo reagia sempre da mesma forma. Por isso, quando os primeiros ataques de pânico surgiram, não ficou propriamente surpreendida. O que a surpreendeu, no entanto, foi a violência com que vieram: as lágrimas, os vômitos, as vertigens. Perdeu a conta às aulas a que tinha faltado, deitada nua no chão da casa de banho, à espera de que as crises de pânico passassem.

No final desse semestre, o primeiro do segundo ano, deu por si internada numa ala psiquiátrica, onde permaneceu oito semanas. Pouco depois de ter alta, acabou por desistir da universidade, seguindo a recomendação do psiquiatra e os apelos insistentes dos

pais e de Wyatt, que, nessa altura, já era quase parte da família. Talvez todos soubessem o que Lennon só conseguiu aceitar meses depois: não estava em condições de continuar os estudos. Não era brilhante como Wyatt, George ou Sophia. Não era artista, nem académica, nem sequer uma estudante universitária promissora. Era apenas uma rapariga muito, muito doente.

Os pais insistiram para que voltasse para casa, a residência sénior onde viviam na Florida, o que lhe pareceu um verdadeiro inferno. Por isso, quando Wyatt a convidou a mudar-se para Denver, no Colorado, onde tinha conseguido um emprego como professor no programa de mestrado em Artes da Universidade do Colorado, Lennon decidiu ir com ele. Mudou-se para casa dele — ocupando cuidadosamente os espaços vazios da sua vida — e tornou-se, oficialmente, a sua namorada residente. Ou, de forma não oficial, a sua dona de casa.

Tinha 20 anos.

Lennon tirou um charro a fumar dos restos de um cinzeiro nas proximidades e deu uma passa. Entediada, desviou a atenção para o outro lado da mesa e reparou que Wyatt e Sophia tinham desaparecido. De início, não desconfiou. Era um evento descontraído; metade dos presentes já tinha acabado a refeição e dispersado para diferentes cantos da casa. Alguns professores examinavam intrigados os livros das prateleiras de Wyatt. Estudantes fumavam erva à beira do lago de carpas, observando os peixes a nadar em círculos. Um grupo de poetas estava na cozinha, a cochichar por cima dos copos de cocktail.

Passaram-se vinte minutos. Wyatt e Sophia continuavam desaparecidos.

Lennon deu mais uma passa no charro e levantou-se para os procurar, uma parte de si já sabendo o que iria encontrar. Não tinha bem a certeza do que era, mas algo naquela noite a impelia a confirmar os seus piores receios. Mas isso deu-lhe uma espécie de coragem que nunca tivera antes. No final, pouco importava o que a levou a encontrá-los juntos na casa de banho da *suite* principal — Wyatt inclinado sobre Sophia, a sua barriga nua pressionada contra as costas dela —, o que importava era que os tinha encontrado.

As calças de Sophia estavam descidas até aos tornozelos, as cuecas de renda esticadas entre as coxas tensas. Ela sorria e dizia as coisas agradáveis que os homens gostam de ouvir quando estão dentro de nós. O tipo de coisas que Lennon nunca conseguiu dizer sobre Wyatt, não porque não fossem verdade (embora talvez não fossem), mas porque não sabia como dizê-las de uma forma que *parecessem* verdadeiras. Mas Sophia sabia, e Wyatt reagia em sintonia. Moviam-se em unísono, como se fossem um só, e, à medida que Sophia se inclinava para a frente, a borda da bancada cravava-se-lhe no ventre, e o seu hálito embaciava o espelho.

Estava escuro na casa de banho, por isso nem Wyatt nem Sophia notaram a presença de Lennon à entrada da porta, nem o facto de o seu reflexo lhe desobedecer mais uma vez, quebrando o laço que ligava a imagem ao mestre. Era a mesma aberração sem olhos que já tinha surgido naquela noite, e, quando encontrou o olhar de Lennon, sorriu.

2



Lennon abandonou a festa. Passou pelo lago de carpas e pelos estudantes universitários que o rodeavam, desceu o longo caminho de acesso e dirigiu-se para a rua, onde o carro de Wyatt estava estacionado paralelamente ao passeio, umas casas mais abaixo.

Tratava-se de um *Porsche 911* prateado, prenda herdada do pai dele para assinalar a defesa bem-sucedida da sua dissertação. Wyatt jamais permitira que Lennon o conduzisse. Não confiava nela ao volante — nem em quase nada, para dizer a verdade. Para ele, tudo o que ela fazia (desligar o ferro antes de saírem para fazer recados) ou dizia («Amo-te, da forma como mereces ser amado») era envolto numa sombra pesada de incerteza.

Lennon destrancou as portas do carro e entrou. O couro do assento estava frio ao entrar em contacto com as suas coxas nuas. Não verificou os espelhos antes de inserir a chave na ignição. Ainda assim, o olhar fugiu-lhe por um instante de volta à casa. Embora não o soubesse naquela altura, seria a última vez que a veria durante muito tempo.

Começou a conduzir. Primeiro, sem destino — deixando o carro deslizar de faixa em faixa, a estrada deserta — e depois com mais determinação, carregando no acelerador, ganhando velocidade, enquanto os subúrbios — os pequenos relvados e as casas elegantes, as mercearias biológicas e os Citizens Banks, as empresas de colchões

e os armazéns — ficavam desfocados num borrão através das janelas. Pensou na figura que vira no espelho da casa de banho. A rapariga sem olhos que era ela, mas... não era. E questionou-se sobre o que ela queria, se se trataria de um presságio de má sorte ou, se não isso, então a própria causa.

Os seus pensamentos voltaram a Wyatt.

Foi nesse momento, sentada no carro dele, que se apercebeu de que passara tanto tempo obcecada em tentar diminuir a distância entre eles — em provar que era inteligente, especial, merecedora do seu amor —, que cometera o grave erro de confundir o desejo de proximidade com a própria proximidade. Mas uma coisa não substituíra a outra. O seu amor — ou a ânsia por ele — não era, nem nunca seria, suficiente. E era por isso que Wyatt estava com Sophia naquela noite, e não com ela.

Quando chegou ao centro comercial abandonado, na periferia dos subúrbios, já sabia o que se preparava para fazer. Havia anti-coagulantes no porta-luvas, vendidos com prescrição médica. Wyatt guardava-os ali desde que sofrera uma embolia pulmonar — anos antes de conhecer Lennon — que quase o matou. Avisara-a certa vez para nunca os confundir com os seus antidepressivos — os comprimidos eram parecidos —, porque os anticoagulantes não tinham antídoto. Se tomasse uma dose excessiva, não havia nada que um médico ou hospital pudesse fazer, a não ser vê-la sangrar lentamente por dentro, até à morte.

Sem dúvida, pensou Lennon, engolir um frasco inteiro daria conta do recado.

Decidiu que encontraria uma casa de banho ou uma arrecadação no centro do edifício, onde ninguém a pudesse incomodar. Ninguém para intervir, o que seria bom... mas, ao entrar no parque de estacionamento deserto, percebeu que era exatamente isso que queria: uma intervenção. Um sinal, um presságio, a mão firme de algum deus intrometido mas benevolente que descesse das nuvens e a sacudisse até ela ser forçada a acreditar — verdadeiramente — que a sua vida tinha significado e que estava destinada a algo mais do

que a mediocridade. Ela queria a salvação. E encontrou-a sob a forma de uma cabine telefónica, meio devorada por uma trepadeira, iluminada pelo halo intermitente de um dos últimos candeeiros de rua ainda acesos no parque de estacionamento.

A cabine era de carvalho, antiquada, com pequenos vitrais amarelos tão embaciados que, mesmo que houvesse alguém lá dentro, Lennon provavelmente não o conseguiria ver. As folhas da hera que envolvia a estrutura estremeceram, agitando-se, embora não houvesse vento naquela noite. Enquanto Lennon fitava a cabine, o telefone começou a tocar — um som estridente e metálico, como colheres de prata a tilintar nas laterais de inúmeros sinos minúsculos.

De início, Lennon decidiu ignorá-lo e dirigiu-se para o centro comercial com o frasco de comprimidos na mão, mas o telefone não parava de tocar, cada vez mais alto, como se a urgência aumentasse. Então parou, virou-se para a cabine e dirigiu-se para ela, a princípio com relutância, quase a desejar que o toque parasse antes de lá chegar. Mas o som persistiu.

Lennon abriu as portas dobráveis da cabine, entrou e fechou-as atrás de si. O seu interior era estranhamente quente e húmido, e um cheiro sulfuroso pairava no ar. O telefone era um antigo modelo preto de disco. O auscultador estremecia no suporte, de tão forte que era o toque. Lennon levantou-o e aproximou-o do ouvido. Do outro lado, ouviu um ruído semelhante a estática — mas era mais do que isso. Reconheceu o som distante de ondas a rebentar. Depois, uma voz:

— Ainda tens o teu nome? — perguntou, como se um nome fosse algo que se pudesse perder, como uma carteira ou um molho de chaves.

Lennon hesitou, sem saber se aquilo seria algum tipo de partida ou uma espécie de teste.

— É... Lennon?

— Lennon quê?

Tentou procurar o resto, mas não lhe ocorreu. Estava mesmo pedrada.

— Quem fala?

— Fala um representante da Universidade Drayton. — A voz ao telefone era uma fusão de todas as vozes que Lennon já conhecera, a falar em uníssono. Um coro horrível e familiar: a sua mãe, a irmã, a primeira terapeuta, o namorado do secundário, a falecida avó. — Estamos a ligar para a felicitar por ter sido selecionada para a fase de entrevistas do seu processo de admissão. Deve sentir-se orgulhosa. Poucos chegam tão longe. A sua entrevista será amanhã, à hora que lhe for mais conveniente.

— Não estou a perceber. Eu nunca me candidatei a nada. Nunca sequer ouvi falar de Drayton...

Repetiu-se a pergunta, desta vez com uma ponta de impaciência.

— Consegue vir, Lennon?

De seguida, foi-lhe indicada uma morada, algures em Ogden, Utah.

Desorientada, Lennon agarrou no telemóvel e digitou rapidamente o endereço na aplicação de GPS. Descobriu que o local ficava a oito horas de carro dali. Já era quase meia-noite: se quisesse chegar a tempo (o que, por si só, parecia absurdo), teria de conduzir toda a noite. Que tipo de programa ligaria aos candidatos na véspera da entrevista? Seria alguma piada de mau gosto? A confusão transformou-se numa amarga frustração.

— Não vou a lado nenhum, para uma entrevista ou o que quer que seja, até me explicarem que *raio* se está a passar.

Seguiu-se uma longa pausa. Depois, um sussurro entrecortado por lágrimas, inconfundivelmente dela própria.

— Ele nunca te vai amar como tu desejas ser amada. E, se ficares, vai amar-te cada vez menos, até ao dia em que já não signifiqués nada para ele.

Lennon congelou, a sua mão a apertar o auscultador com força, como se fosse um torno. Sentiu a garganta fechar-se, o ar preso num nó sufocante.

— És tu. Do espelho, não és? Responde-me!

— Desejamos-lhe a maior das sortes para a próxima fase do seu processo de admissão.

Ouviu-se um clique suave e depois a linha ficou muda.

3



Lennon conduziu toda a noite, parando apenas para abastecer, mudar de roupa (tinha um saco de ginásio no banco de trás do carro) e urinar numa área de descanso degradada nos desertos vermelhos do Wyoming. Ao longo da viagem, evitou olhar pelos espelhos retrovisores (receando o que poderia ver), relanceando-os brevemente apenas quando necessário. O facto de a autoestrada estar praticamente deserta, com apenas alguns camiões a partilhar a estrada com ela, ajudava. Já estava quase a amanhecer quando atravessou a fronteira para o Utah. Após conduzir durante horas, chegou a Ogden, sentindo-se rígida de estar tanto tempo sentada. Por estranho que pareça, não estava cansada.

Enquanto se aproximava de Ogden, recordava repetidamente a chamada telefónica de felicitações de Drayton e percebeu que, inicialmente, a voz do outro lado da linha não tinha um género definido. Soava quase automática na sua neutralidade, não conseguindo identificá-la como masculina, feminina ou algo intermédio... até que se tornou a sua própria voz. O que levantava a questão: como é que isso aconteceu? E como é que a voz (ela?) sabia da infidelidade de Wyatt? Como é que sabia que ela estaria lá para atender a chamada? Sentia-se a viver na lógica difusa dos sonhos e, por um instante, perguntou-se se isto seria um sonho — aquela coisa que surgira no espelho da casa de banho, o caso de Wyatt com Sophia, a chamada telefónica, a sua

própria voz trémula ao telefone. Ou, se não fosse um sonho, talvez fosse um delírio tão vívido e convincente quanto trágico... e pateticamente grandioso. Perguntou-se se estaria a passar por algum tipo de episódio maníaco, como os que já sofrera no passado. Mas esses episódios sempre foram caracterizados por uma sensação inabalável de convicção — nela própria e nas forças que alimentavam os seus delírios, fosse génio ou os mecanismos do destino. Porém, enquanto as suas mãos apertavam o volante com força, tanta que os nós dos dedos ficavam brancos, sentia-se apenas pequena e impotente, à deriva numa maré negra que a levava sabe-se lá para onde.

Lennon continuou a conduzir, seguindo as indicações do GPS. Entrou num pequeno bairro histórico à sombra de uma montanha, usado para esquiar no inverno. Ali, as ruas eram estreitas, cobertas pelas copas luxuriantes das árvores que cresciam de ambos os lados. O seu destino encontrava-se na curva de um grande beco sem saída: uma imponente mansão de tijolo vermelho, afastada da rua, meio escondida por um bosque de espinheiros excessivamente grandes. O telhado pendia sobre as janelas do segundo andar, dando à casa a aparência de um velho a franzir o sobrolho perante a sua aproximação.

Estacionou na entrada vazia e verificou o telemóvel. Sete chamadas não atendidas (três de Wyatt e quatro da mãe) e doze mensagens (uma de Wyatt, cinco da mãe e seis da irmã mais velha, Carly). Lennon não respondeu a nada — às mensagens de texto, de voz e às inúmeras perguntas que fizera a si própria ao longo da viagem. Saiu do carro e foi até à bagageira, onde vasculhou até encontrar o pé-de-cabra enegrecido de graxa, guardado por baixo do pneu sobresselente. Pesou-o nas mãos, assentiu com a cabeça para si mesma, como que a reunir a pouca coragem que tinha, e depois fechou a bagageira com força.

O jardim era amplo e coberto por um denso tapete de relva. As sebes que ladeavam a casa eram arredondadas e bem aparadas. Lennon atravessou o relvado macio, o pé-de-cabra em punho, e subiu para o alpendre. A porta da frente tinha de uma pequena janela de vidro colorido que distorcia a visão do átrio do outro lado. Pendurada na parede ao lado da porta estava uma grande placa que detalhava

a extensa história da casa (supostamente tinha pertencido a um barão do petróleo milionário do século XIX).

Lennon bateu três vezes, de forma vigorosa e rápida. Houve uma breve pausa, seguidas de passos. A porta rangeu ao abrir-se. Um homem surgiu na soleira da porta, descalço, com uma camisa de linho folgada e calças a condizer. Era apenas um pouco mais alto do que Lennon, talvez cerca de um metro e oitenta, de olhos azuis vivazes que se enrugavam nos cantos quando sorria, com todo o calor e carinho que se espera de um amigo que não se vê há algum tempo. Parecia estar perto dos 50 anos, e Lennon achou-o quase excessivamente atraente.

— Ora bem — disse ele, ainda a sorrir para ela, os dentes tão alinhados e brancos que mais pareciam uma dentadura —, tu deves ser a Lennon. — Olhou para o pé-de-cabra na mão dela. — Posso ficar com isso?

Lennon entregou-lhe a barra de ferro com alguma relutância. Em retrospectiva, não sabia bem porque o tinha feito. Não conhecia nem confiava naquele homem. Não sabia se ele era a única pessoa na casa. Mas quando ele fizera aquela pergunta e se preparara para pegar no pé-de-cabra, a sua determinação abrandara abruptamente... e uma calma apoderara-se dela, como se tivesse tomado um Valium.

Ele inclinou-se ligeiramente, encostando a barra de ferro à parede.

— Sou o Benedict, como os ovos Benedict — disse ele, endireitando-se, e convidou-a a entrar com um gesto amplo da mão. Em seguida, fechou a porta atrás dela, mas não a trancou.

As paredes do átrio estavam revestidas com o mesmo mogno escuro do chão e a casa cheirava a cera e *pot-pourri*. Havia um elevador em forma de gaiola de pássaros à esquerda da porta, mesmo ao lado das escadas. Benedict conduziu Lennon para lá do elevador e por um corredor estreito. À medida que caminhavam, o soalho rangia sob os seus pés, numa espécie de acolhimento relutante.

Benedict conduziu-a, passando pela cozinha e pela sala de estar até um pequeno escritório na parte de trás da casa, com uma parede

de janelas e portas vidradas que davam para um pequeno solário banhado pelo sol. O escritório estava coberto por uma grelha de sombras projetadas pelas ripas e barras das janelas. Benedict fez um gesto em direção a uma grande secretária de carvalho. Havia duas cadeiras de cada lado. Benedict sentou-se numa, e Lennon, na outra.

— Suponho que deva falar-te sobre Drayton — disse ele, e o seu olhar tornou-se distante, como alguém movido por uma lembrança. — Formei-me há anos. Nessa altura, talvez ainda fosses apenas um esboço no ventre da tua mãe. Talvez nem isso. Pouco mais do que um óvulo e uma ideia.

Os olhos de Benedict voltaram ao presente, e pestanejou rapidamente, como se se lembrasse de que Lennon estava ali sentada.

— Diz-me lá, o que sabes sobre Drayton?

— Nada. Nunca ouvi falar. Nem sequer me candidatei.

— Claro que te candidataste. Todos se candidatam, quer saibam ou não.

— Mas como é que isso é possível? Não tenho de apresentar um portefólio ou fazer algum tipo de exame?

— Já o estás a fazer. A primeira fase de testes começa à nascença.

— E a segunda? — perguntou Lennon, insistindo em saber mais.

— É esta entrevista.

— E a terceira?

— O exame de admissão, mas não deves preocupar-te com isso — afirmou Benedict, parecendo ligeiramente irritado. — Os candidatos têm sempre tantas perguntas quando aqui chegam, mas a maioria não passa da entrevista. Além disso, não há muito que eu possa dizer para aliviar a tua curiosidade. Drayton é para ser experienciado, não explicado. Tudo o que posso dizer é que Drayton é uma instituição dedicada ao estudo da condição humana. Pelo menos, era o que diziam os folhetos distribuídos na minha orientação. Talvez o seu etos tenha mudado entretanto. Já lá vão muitos anos. — Benedict levantou-se, com um estalido audível do joelho. — Antes de começarmos, deixa-me preparar-te algo para comer.

— Não tenho fome.

— Mesmo assim tens de comer — disse ele, fazendo um gesto para a dispensar. — Não podes ser entrevistada de estômago vazio. Além disso, vais precisar de forças para a dor.

— Não tenho dor nenhuma.

— Mas vais ter — replicou Benedict, e um arrepio cortante percorreu-lhe a espinha como a lâmina de uma navalha. Lennon questionou-se, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira, se estaria totalmente segura naquela casa estranha com aquele homem estranho que dizia ser de Drayton. E se tudo não passasse de um esquema elaborado de tráfico de pessoas, onde os alvos eram jovens «superdotados e talentosos» que nunca tinham recebido a sua carta de aceitação na escola de magia e que cresceram para se tornarem adultos deprimidos, carentes de elogios e completamente ingénuos?

Benedict desapareceu pelo corredor em direção à cozinha. Ouviu-se o barulho de panelas e tachos a tilintar, água a correr e, pouco depois, a ferver. Sem saber bem o que fazer, Lennon voltou a sua atenção para o estranho retrato que estava pendurado sobre a secretária de Benedict. A metade inferior da pintura era incrivelmente realista, mostrando um homem num blazer de *tweed* bege e camisa branca impecavelmente abotoada até ao pescoço. Mas a metade superior parecia distorcida, como se o artista — num ímpeto de frustração — tivesse pegado num pano molhado e esfregado violentamente as espessas pinceladas de tinta a óleo numa tentativa feroz de as apagar. Os olhos eram órbitas vazias e deformadas, a boca parecia destruída, o contorno distorcido do que talvez tivesse sido um nariz. Lennon teve dificuldade em identificar.

— Foi um ex-aluno que o pintou para mim — disse Benedict, surgindo à porta com uma bandeja de pequeno-almoço nas mãos. Sobre ela, um guardanapo delicadamente dobrado, uma taça de massa, um copo de vinho e um pratinho com bolachas mal cozidas empilhadas.

Ao lançar um olhar à refeição que ele preparara, Lennon apercebeu-se de que estivera a contemplar aquela pintura por mais tempo do que imaginara. — É... impressionante.

— De facto — respondeu Benedict, pousando o tabuleiro à frente dela antes de se sentar na cadeira por baixo do retrato. Fez sinal com a cabeça em direção à comida. — Come lá.

Lennon começou a comer. A massa tinha um travo a ervas aromáticas e um pouco de limão a mais.

— Gostas? — perguntou Benedict.

— Está muito boa — respondeu ela, mastigando sem pensar. Detestava comer à frente de outras pessoas, sobretudo desconhecidos, mas não queria parecer mal-educada.

— Cresceste em Brunswick, na Georgia — disse Benedict, observando-a enquanto comia. O seu olhar, sério e intenso. — A tua família era a única de raça negra no bairro, um subúrbio em construção que acabou por colapsar na última recessão. Os homens da empresa de mudanças avisaram os teus pais, num gesto sincero, de que famílias como a vossa não costumavam mudar-se para aquele tipo de bairros. O teu pai era professor de História no secundário. Ele e a tua mãe adoravam observar aves. Confirmas?

Lennon hesitou, o garfo suspenso no ar a meio caminho da boca.

— Como é que sabe isso tudo? Não estou a perceber.

— Não percebes como é que uma pessoa num lado do mundo consegue atender uma chamada vinda do outro. Mas confias no que ouves e sabes que é verdade. Isto não é diferente. Não entendes como vieste cá parar, mas é real, está a acontecer. Tudo o que precisas de fazer é aceitar que alguém, ou alguma coisa, que sabe mais do que tu fez com que isto acontecesse.

— Está a dizer que isto é algum tipo de magia?

— Deixa-me lembrar-te de que sou eu quem faz as perguntas — respondeu Benedict, num tom firme, mas sem agressividade. — Por agora, limito-me a questionar.

Lennon calou-se.

— Quando eras pequena, costumavas acordar e ver o teu pai na varanda das traseiras, com os binóculos, a observar pássaros. Um dia, ele descobriu um ninho de estorninhos nos ramos de um carvalho. O que é que o teu pai te ensinou a fazer aos estorninhos?

— Não percebo o que é que isto tem que ver com a minha admissão.

— Não tens de perceber. Limita-te a responder o melhor que conseguires. O que é que ele te ensinou a fazer aos estorninhos, Lennon?

— Partir os ovos — murmurou ela, numa voz inexpressiva, as faces a arder de vergonha.

— E os estorninhos que já tinham nascido, as crias encolhidas no ninho, no meio de um cemitério de cascas partidas? O que é que ele te ensinou a fazer-lhes?

— Disse-me para lhes pegar na cabeça com o polegar e o indicador e torcê-la, rápida e firmemente, como se estivesse a abrir a tampa de uma garrafa.

— E por que razão o teu pai te mandou fazer isso?

— Porque... porque os estorninhos eram uma ameaça para os outros pássaros. Afugentavam-nos, roubavam-lhes os ninhos e espalhavam doenças. Chamou-lhes pragas e disse que era essencial sacrificar alguns para salvar a maioria.

Benedict sorriu, mas era um sorriso totalmente diferente daquele com que a tinha recebido à porta. Tão diferente que Lennon chegou a pensar que talvez aquele fosse o primeiro momento em que ele estava realmente a ser sincero.

— Vais por um caminho estreito. Alguém vem na direção oposta. O caminho não é largo o suficiente para que os dois passem lado a lado. És tu quem se desvia?

— Eu... não sei.

— Só tens de responder sim ou não. És tu quem se desvia, Lennon?

— Sim.

Benedict parecia satisfeito. Fez um ligeiro aceno de cabeça em direção ao anel de noivado dela, uma relíquia de família que pertencera à tia-avó falecida de alguém importante do lado do pai de Wyatt. A pedra central tinha quase dois quilates e a aliança estava incrustada de pequenas pedras que brilhavam intensamente quando tocadas pela luz do sol. Da primeira vez que a colocou no dedo, pareceu-lhe pesada.

— És casada?

— Ainda não. — Ou provavelmente nunca viria a ser, tendo em conta que o noivo andava a dormir com uma das suas supostas amigas, mas ocultou esta última parte. — Fiquei noiva no inverno.

— Do Wyatt Banks?

— Sim.

— Fala-me mais sobre isso.

— Sobre o Wyatt?

Benedict pareceu, por um momento, enojado. Fez um gesto com as mãos, como que a afastá-la.

— Não há necessidade de perdermos mais tempo com esse homem. Já sei a história de cor: a menina bonita abandona os seus sonhos e aspirações para se tornar um adereço, um acessório na vida de um homem que ela, *erroneamente*, acredita ser mais importante do que ela própria. Está mais ou menos resumido?

Lennon sentiu que tinha levado uma bofetada.

— B-bem, eu não diria que sou um acessório. Quer dizer, eu e o Wyatt estamos noivos... bem, estávamos noivos.

— O que aconteceu?

— Apanhei-o com outra pessoa. Mesmo antes de vir para cá.

— E como é que isso te fez sentir?

Parecia uma pergunta estúpida. Como é que alguém se sente quando vê a vida que construiu a desmoronar-se diante dos seus olhos? Ainda assim, Lennon respondeu.

— Quer dizer... quis morrer. Aliás, planeei fazê-lo.

— Foi a primeira vez que quiseste acabar com a tua vida?

Ela abanou a cabeça.

— Já passei por... algumas dificuldades antes.

Benedict acenou com a cabeça, com ar de entendido e com uma simpatia que não soava forçada nem piedosa. Pegou numa caixa de lenços e estendeu-lha sobre a mesa. Lennon olhou para os lenços, confusa por um momento, até perceber que estava a chorar. Nunca chorava à frente de estranhos. Jamais. A humilhação, por si só, era suficiente para impedir que as lágrimas caíssem. Nem sequer tinha chorado quando encontrara Wyatt com Sophia na casa de banho.

Mas Benedict tinha... conseguido *desmontar* algo profundo dentro dela; dera-lhe permissão para se soltar... até mesmo para sofrer.

— Quero que saibas que, se isto for demasiado doloroso para ti, és livre de sair — disse Benedict, enquanto Lennon se apressava a limpar os olhos. — Esta é uma experiência emocionalmente desgastante, e dolorosa, para ser sincero. Poucos chegam até aqui, e a maioria não avança para a última etapa do processo de admissão. Se escolheres sair agora, seguirás os passos de muitos outros. Mas aviso-te já que as perguntas que te faço hoje serão as mesmas que te farás amanhã, depois de amanhã e décadas mais tarde, já na reta final da tua vida. Nunca te livrarás delas, mas isso não quer dizer que tenhas uma resposta para todas. Mas sou da opinião de que as perguntas difíceis devem ser sempre feitas, independentemente de haver uma resposta para elas ou não. Concordas?

— Sim. Pelo menos, quero concordar.

O canto esquerdo da boca de Benedict contorceu-se duas vezes.

— Então, tenho o prazer de te dizer que passaste na entrevista e que podes agora avançar para o último passo do teu processo de entrada em Drayton: o exame de admissão. Apanha o elevador no átrio e sobe até ao oitavo andar.

— Mas esta casa só tem dois andares.

— Tenho completa noção disso.

Lennon ficou a olhar para ele, inexpressiva. Benedict devolveu-lhe o olhar.

— É melhor ires andando — disse ele. — Drayton não espera por ninguém.

4



Lennon percorreu o corredor, as tábuas do chão a rangerem sob os seus ténis, e aproximou-se do elevador em forma de gaiola. Era antigo e instável, com paredes de latão. Entrou na cabine e fechou a porta dobrável com um estalido. Os botões no painel de controlo iam do um ao onze. Com o nó do dedo, pressionou o oito e, atrás da grade da gaiola, uma segunda porta fechou-se com um som metálico, enquanto o elevador começava a subir, estremecendo.

Foi uma viagem relativamente curta. Em poucos instantes, o elevador parou e as suas portas escancararam-se. A luz dourada do sol derramou-se para o interior. Tremendo, Lennon saiu da cabine e deu os primeiros passos para o que, à primeira vista, lhe pareceu uma catedral. Estava mal iluminada, mas havia janelas recortadas na pedra, com uma pálida luz do sol a infiltrar-se através delas, criando quadrados brilhantes de luz que se estendiam como degraus ao longo de um largo corredor onde o chão e o teto se inclinavam em direções opostas — o primeiro ligeiramente inclinado para cima e o segundo para baixo.

À esquerda havia um grande mural que fez Lennon lembrar-se vagamente do *Guernica*, de Picasso. Representava uma série de figuras grotescas — corpos distorcidos, com contusões e deformados, como se tomados por uma paixão primitiva e avassaladora. Tinha o mesmo estilo inquietante daquele estranho retrato pendurado no

escritório de Benedict, e ela questionou-se se não seria uma obra do mesmo artista.

Ainda atordoada, virou-se de novo para o elevador, apenas para dar de caras com uma parede de pedra onde, momentos antes, estivera a cabine.

— Bem-vinda a Drayton.

Lennon virou-se e deu de caras com uma mulher de óculos sentada atrás de uma secretária comprida e baixa, em frente ao mural. Folheava uma edição da *Vanity Fair* — uma pessoa aparentemente comum, a fazer coisas perfeitamente normais — e, com um grande alívio, Lennon percebeu que aquele lugar não estava totalmente desligado da realidade que conhecia. Talvez apenas vagamente distanciado dela. A secretária baixou a revista, fechando-a e sorrindo em seguida.

— Qual é o seu nome? — O sotaque, grave e arrastado, tinha um toque claramente sulista.

— Lennon Carter.

A mulher assentiu e digitou qualquer coisa num computador antiquado, uma verdadeira relíquia que parecia estar desatualizada há mais de uma década. Depois, levantou-se.

— Acompanhe-me.

Juntas, percorreram um longo corredor, onde uma sequência de janelas em vitral deixava entrever, de forma distorcida, o *campus* lá fora. Havia uma grande praça, com mais de três quilómetros de largura, densamente coberta por carvalhos e magnólias, com algumas palmeiras desalinhas a crescerem rente ao chão. Em torno da praça, erguiam-se vários edifícios antigos, na sua maioria residências geminadas e mansões.

Lennon demorou uns instantes a perceber que o que estava a ver era, de facto, um *campus*, composto pela praça e pelas altas casas em banda de tijolo que a rodeavam, todas elas cobertas por heras, tal como a cabine telefónica onde ouvira falar pela primeira vez de Drayton. Os outros edifícios à volta da praça faziam-lhe lembrar os primeiros trabalhos de Frank Lloyd Wright, com telhados planos e baixos que se estendiam sobre alpendres que rodeavam as casas. Caminhos — que

mais pareciam *piazzas* sob a densa copa dos carvalhos cobertos de musgo — atravessavam a praça como artérias. Pessoas — alunos, presumiu Lennon — reuniam-se nos amplos pátios entre os edifícios. A sua indumentária era suficientemente variada para afastar qualquer ideia de haver um uniforme estritamente imposto naquela escola, mas todos elegantemente vestidos, com as suas calças feitas à medida e cintadas na cintura, blazers bem acabados e óculos de aros grossos, as camisas de linho amarrotadas elegantemente com as mangas arregaçadas até aos cotovelos.

Alguns dos que estavam reunidos no relvado tinham estendido mantas de piquenique e tirado os mocassins, enfiando as meias dentro dos sapatos, optando por descansar descalços sobre a relva fofa que cobria os pátios, absorvendo o pouco de sol que se filtrava através da densa copa das árvores. Uma rapariga, uma bonita morena com uma saia lápis de lã escura, estava a tirar umas meias, como uma serpente a trocar de pele.

— Apresse-se — disse a secretária, sem se virar ou sequer diminuir o ritmo. — Senão vai chegar tarde.

Lennon desviou apressadamente o olhar da janela e continuou a andar. O corredor bifurcou-se, e ela seguiu a secretária por um corredor estreito à direita. Aqui, o chão começou a inclinar-se mais para baixo; o teto e as suas claraboias pareciam cada vez mais distantes. Durante muito tempo, não se ouvia nada a não ser o som agudo dos saltos altos da secretária a bater no chão de mármore. Distraída, Lennon questionou-se sobre a sua idade e como teria arranjado trabalho num lugar como Drayton. Certamente não organizavam feiras de emprego nem publicavam anúncios online ou nos jornais.

— É aqui que me despeço de si — disse a secretária, parando tão abruptamente que Lennon quase esbarrou nela. Fez um gesto indicando uma pequena porta de mogno ao fundo do corredor. — Boa sorte.

Lennon empurrou a porta e deu por si num anfiteatro que se estendia na distância, as paredes revestidas em nogueira, as escadas íngremes. Cerca de duas dezenas de alunos encontravam-se sentados, munidos de lápis e finos cadernos de teste.

Aproximou-se um homem de baixa estatura, com umas calças de linho largas e uma túnica bordada com um emaranhado de videiras castanhas ao longo do colarinho. Apontou para uma mesa vazia nas proximidades.

— Sente-se. O exame começará dentro de instantes.

Perplexa, Lennon sentou-se ao lado de uma jovem muito bonita, com cabelo loiro-platinado e um piercing de prata na narina esquerda. Digitava rapidamente qualquer coisa no telemóvel, murmurando — numa voz rouca que a fazia parecer uma fumadora compulsiva que tinha apanhado uma constipação particularmente desagradável — que não havia rede. Depois, como se fosse chamada pelo nome, levantou abruptamente os olhos e sorriu para Lennon, a qual, um pouco envergonhada por ter sido apanhada a olhar para ela, lhe devolveu o sorriso. Foi então que decidiu que se ambas passassem no exame e ficassem em Drayton, tornar-se-iam amigas.

Lennon pôs-se a observar as outras pessoas. Perto dela, sentou-se uma pessoa de cabeça rapada e sobrancelhas grossas, fazendo uma carranca. Um rapaz com um corte de cabelo à militar, já demasiado comprido, resmungava entre dentes cerrados palavrões em russo (tendo em conta os dois semestres de russo básico que tinha tido como parte do seu plano de estudos na faculdade, ele parecia irritado por o teste estar a demorar tanto tempo a começar). Uma mulher impecavelmente vestida — pele morena, maçãs do rosto salientes, olhar penetrante — conversava, numa troca rápida de sussurros, com o homem ruivo de cabelo encaracolado que se sentava ao seu lado. Ambos tinham ar de ser o tipo de académicos eruditos e elegantes com quem Wyatt gostaria de fazer amizade.

Na parte da frente da sala, um painel de seis supervisores, divididos uniformemente em dois grupos de três, sentavam-se em mesas compridas, posicionadas em lados opostos do púlpito. Todos adotavam uma postura de professores recém-saídos de uma longa licença sabática e possuíam um tipo de curiosidade académica que deixava Lennon pouco à vontade. Um deles, um homem de cabelo lustroso com um fato de *tweed* perfeitamente feito à medida, fumava um

grosso cachimbo de terracota e passava-o a uma das suas colegas, uma mulher de pele escura que fazia Lennon lembrar-se vagamente da sua própria mãe. Esta aceitou o cachimbo, deu uma longa tragada e, instantes depois, exalou uma nuvem espessa de fumo, formando anéis que dançavam no ar.

Uma mulher loira, que estava sentada entre os supervisores, levantou-se e dirigiu-se para o púlpito. Usava uma camisa da cor de uma pele pálida, enfiada na cintura de uma saia lápis de *tweed* escuro. O cabelo, branco como gelo, estava cortado num *bob* exagerado, mas elegante.

Quando falou, a sala ficou em silêncio.

— O meu nome é Eileen e sou a vice-reitora de Drayton, bem como uma das seis supervisoras do exame de admissão de hoje. É um prazer dar-vos as boas-vindas à nossa escola. — Fez uma breve pausa e inclinou a cabeça, como se estivesse a ponderar o que dizer a seguir. — O nosso exame de admissão começa à nascença, e todos têm de o fazer. O teste que irão realizar hoje é apenas o último passo do vosso processo de candidatura, que se estende por toda a vida. E, aviso-vos já, será o mais difícil.

Um rapaz magro, que mais tarde Lennon veio a descobrir ser um prodígio da matemática proveniente da Islândia, que obteve o seu primeiro doutoramento em Teoria dos Números aos 16 anos, tocou-lhe no ombro e passou-lhe uma lapiseira em aço inoxidável, surpreendentemente pesada, e um caderno de exame.

— A última parte do exame de admissão está dividida em duas fases. A primeira, o exame escrito, que têm à vossa frente. É composto por quarenta e cinco perguntas de escolha múltipla. A segunda e última fase do exame é a entrevista expressiva, na qual iremos avaliar a vossa capacidade de realizar uma tarefa à nossa escolha. Esta parte do teste não tem limite de tempo, embora termine quando quisermos.

Lennon olhou para os colegas, questionando-se se achavam a situação tão estranha quanto ela. Todos pareciam relativamente calmos, à exceção de um rapaz franzino que, na primeira fila, hiperventilava alto.

— O facto de um número de candidatos da dimensão de uma geração inteira ter sido reduzido a vós, que agora aqui estão diante de mim, é uma conquista notável. Se falharem neste exame, e, de facto, a maior parte de vocês falhará, espero que o recordem como tal. — Eileen estendeu ambas as mãos na direção dos candidatos. — Já podem começar.

Lennon carregou duas vezes na lapiseira e abriu o caderno de exames. Nele, viu a imagem granulada de um rapaz com lágrimas nos olhos, captada dos ombros para cima, ao estilo de uma fotografia de identificação.

Qual é o sentimento que mais se destaca em Nihal?

- a) Anseio
- b) Raiva
- c) Choque
- d) Resignação
- e) Nenhuma das anteriores

Lennon ficou a olhar para a pergunta, confusa. Como poderia ela perceber exatamente o que ele sentia através de uma única imagem? Ergueu o olhar, na esperança de encontrar alguma pista sobre como deveria proceder, mas os outros candidatos pareciam tão confusos quanto ela, franzindo a testa sobre os papéis, os lápis a dançar entre as respostas, circulando-as apenas para as apagar e tentar novamente.

Ela estreitou os olhos para o papel. O rapaz, Nihal, encarava-a, os olhos grandes e lacrimejantes, uma rede de veias visíveis nas partes brancas dos olhos. Lennon observou a imagem em busca de pistas sobre o seu contexto: ele parecia ter cerca de 9 anos; a sua t-shirt era uma camisola cavada mal ajustada, com riscas finas; o lábio inferior estava ligeiramente comprimido, como se tivesse ficado preso entre os dentes. Mas nada disso esclarecia por que motivo Nihal estava a chorar. Sem saber o que fazer, Lennon marcou a opção a) apenas por instinto e passou à pergunta seguinte.

A imagem mostrava uma mulher esguia, aparentemente na casa dos 30 anos (mais coisa, menos coisa), com um nariz fino e salpicado de sardas e uma boca pintada, ligeiramente descaída nos cantos. Lennon não conseguia distinguir a cor do batom, visto que as imagens do exame estavam impressas a preto-e-branco, mas supôs que fosse algum tom de vermelho. O cabelo pálido estava apanhado num coque no alto da cabeça, expondo as orelhas grandes, com os lóbulos esticados, perfurados por argolas.

Qual é o estado atual de Bianca?

- a) Excitação
- b) Satisfação
- c) Indiferença
- d) Desespero
- e) Nenhuma das anteriores

Lennon escolheu a opção c).

A questão seguinte apresentava uma pintura abstrata a tinta que lembrava vagamente o trabalho de Pollock. As pinceladas eram tão viscosas e pesadas que era difícil vislumbrar o branco da tela por baixo das manchas e borrões de tinta.

O que é que esta pintura pretende representar?

- a) Euforia
- b) Caos
- c) Alegria
- d) Gula
- e) Nenhuma das anteriores

Ela assinalou a opção d).

Havia outra questão, acompanhada de uma imagem, desta vez de uma mulher envelhecida.

O que é que Maria está a tentar esconder?

- a) Desprezo
- b) Luxúria
- c) Inveja
- d) Tristeza
- e) Todas as anteriores
- f) Nenhuma das anteriores

Ela selecionou a opção c).

Lennon continuou, sentindo-se cada vez mais desorientada, lutando para interpretar as expressões das pessoas nas imagens e as motivações por trás das obras abstratas que lhe pediam para analisar. Uma das questões mostrava uma mulher a segurar um bebé recém-nascido, possivelmente seu filho, junto ao peito, e pedia ao candidato para identificar a emoção predominante (Lennon escolheu malícia). Outra pergunta apresentava o desenho rudemente feito a tinta de um rosto ao estilo de Picasso, com uma pupila três vezes maior do que a outra. A imagem dizia representar uma paixão avassaladora, e a questão pedia ao candidato que identificasse a fonte secundária de inspiração por trás da obra (ela escolheu a opção b), «medo», e sentiu-se confiante com na sua resposta).

À medida que Lennon se aproximava da segunda metade do exame, o seu nariz começou a sangrar. Gotículas espessas de sangue salpicaram a margem da pergunta vinte e dois, fazendo com que a tinta se espalhasse e borrasse, distorcendo de tal forma a expressão da mulher na imagem que a acompanhava que se tornara irreconhecível. Tinha os lábios gretados e o cabelo fino. Parecia estar nos seus 40 e poucos anos, talvez.

Que emoção está Anya a vivenciar? Escolha uma das seguintes opções:

- a) Tristeza
- b) Deslumbramento
- c) Inveja
- d) Nojo
- e) Nenhuma das anteriores

Apressadamente, ela marcou a opção e). O seu nariz continuava a sangrar profusamente, salpicando as páginas do caderno enquanto respondia às restantes perguntas, uma das quais mostrava um homem de olhos arregalados, com uma barba espessa, as sobrancelhas franzidas. Havia uma tatuagem por baixo do seu olho direito, mas a má qualidade da imagem impossibilitava Lennon de distinguir o que era.

Que emoção está Lyle a tentar transmitir?

- a) Obstinação
- b) Confusão
- c) Deceção
- d) Frustração
- e) Todas as anteriores
- f) Nenhuma das anteriores

Lennon apertou o nariz e inclinou a cabeça para trás numa tentativa vã de estancar o sangue. Era tudo o que conseguia fazer para não se engasgar quando sentiu o sangue quente e espesso a escorrer pela garganta abaixo. Por milagre, conseguiu evitar vomitar e assinalou a opção c).

Finalmente, chegou à última pergunta: uma imagem vertiginosa de incontáveis círculos concêntricos desenhados à mão, diminuindo em direção a um eixo quase impercetível no centro da página.

O que é que esta imagem pretende transmitir?

- a) Êxtase
- b) Humilhação
- c) Gratidão
- d) Ansiedade
- e) Júbilo
- f) Nenhuma das anteriores

Lennon limpou o resto do sangue do nariz e assinalou a opção b), com os segundos a escassear.

— Pousem os lápis — disse Eileen, aproximando-se do púlpito. Ao fazê-lo, os outros cinco supervisores levantaram-se um atrás do outro e começaram a subir as escadas do anfiteatro, recolhendo os cadernos de exame à medida que avançavam. Um rapaz de ombros largos e olhar afiado, sentado mais para o fundo, continuava a marcar respostas apressadamente na tentativa de acabar o exame e, como consequência, foi imediatamente expulso pelo mesmo homem que tinha o cachimbo de barro, sendo dispensado com um sussurro sibilante e um dedo apontado para uma porta escura no topo das escadas em que Lennon não tinha reparado antes.

De facto, havia muitas coisas em que não tinha reparado. Como, por exemplo, o facto de a sala se ter esvaziado consideravelmente durante a avaliação. Mais de dois terços dos presentes no início da prova tinham agora, inexplicavelmente, desaparecido. Lennon não tinha visto nem ouvido ninguém a sair.

Os que restavam foram conduzidos até uma pequena sala de espera, subindo um lanço de escadas e atravessando outro corredor estreito, forrado de estantes de livros que iam do chão ao teto, repletas de tomos antigos encadernados em pele. O ar estava impregnado de poeira e cola. Daí, foram levados a uma espécie de salão. As paredes tinham sido forradas com madeira escura e havia cortinas verdes pesadas cobriam a única janela. Havia uma lareira acesa, o fogo a crepitar, embora não estivesse frio suficiente que o justificasse.

Foram servidas algumas iguarias aos candidatos — pequenos biscoitos amanteigados com compota de framboesa e pedaços de manteiga moldados em forma de flores, pêssegos fatiados com chantilly e água com gás em taças de cerâmica que tinham gosto de alecrim e minerais. Lennon ignorou os biscoitos, mas saciou-se com a fruta e bebeu várias taças de água nos minutos que antecederam a sua chamada para uma sala de testes privada, ao fundo do corredor.

Ali não havia supervisores nem púlpitos. Nem outros candidatos. A porta rangeu ao fechar-se atrás dela, e Lennon ficou sozinha numa grande sala de aula, pouco mobilada. A parede do fundo estava totalmente coberta por um quadro negro verde e limpo. Em frente a ele,

havia uma cadeira vazia e uma secretária de mogno. No centro da sala, outra secretária e cadeira, voltadas para a maior.

Em frente à porta por onde Lennon entrou, havia um vitral ligeiramente entreaberto. Lá em baixo, no pátio, estavam alguns estudantes reunidos, e Lennon apanhou fragmentos das suas conversas. Debatiam, com veemência — e vozes elevadas —, uma questão filosófica relacionada com a imaterialidade da mente.

Sem saber o que fazer, Lennon ficou ali, encostada à porta, durante algum tempo, à espera de indicações de um dos supervisores que haviam supervisionado a primeira parte do exame. Mas estes nunca apareceram. Em vez disso, após longos minutos que lhe pareceram horas, entrou um homem que ela não reconhecia. Era magro e suficientemente alto para ter de se curvar ligeiramente ao passar pela porta. O maxilar era afilado e a barba por fazer dava-lhe um ar de quem planeava fazer a barba de manhã, mas se tivesse esquecido. O cabelo também estava cortado curto. A pele tinha um tom bronzeado. Lennon supôs que ele teria mais ou menos a idade de Wyatt. Estava coberto de tatuagens. As costas de ambas as mãos estavam tatuadas com mariposas, e a mesma imagem repetia-se nas linhas duras do pescoço. As mariposas nas mãos tinham asas, mas algumas das do pescoço não, como se tivessem sido arrancadas. A imagem era suficientemente grotesca para fazer Lennon estremecer.

O homem fechou a porta, franzindo ligeiramente as sobrancelhas, sem expressão. Não pediu desculpa pelo atraso. Mal reparou em Lennon quando falou.

— Tens nome? — A sua voz carregava o que ela supôs ser um leve sotaque de Brooklyn, embora não tivesse certeza.

— Chamo-me Lennon.

O olhar dele pousou sobre ela. Por um breve momento, parecia surpreso. Mas recuperou rapidamente, estendendo-lhe a mão tatuada.

— Dante.

Lennon apertou-lhe a mão. Ele tinha a palma calejada.

— Prazer em conhecer-te.

Dante encaminhou-se até à mesa à cabeceira da sala e tirou o casaco, deixando-o cair sobre a cadeira. Colocou a mala no chão, ao lado da secretária. Usava uns sapatos Oxford castanhos, com lama agarrada às solas. Fez um gesto com a cabeça em direção à outra secretária, mais pequena, à frente da sua.

— Senta-te.

Lennon obedeceu, avançando até ao centro da sala e acomodando-se na cadeira da secretária. Era tão pequena que os seus joelhos se cravaram dolorosamente contra a parte inferior do tampo, como se tivesse sido feita para uma criança.

Dante acomodou-se na cadeira atrás da secretária maior e levou a mão ao bolso interior do casaco, de onde retirou uma tosca estatueta de um porquinho com três patas curtas (duas à frente, uma atrás) e órbitas fundas no lugar dos olhos. Colocou-a sobre a mesa, virada para Lennon.

— Esta é a parte expressiva do exame de admissão — anunciou Dante. — A tua tarefa é fazer com que eu levante esta estatueta, sem saíres do teu lugar e sem me tocares. Entendido?

Lennon acenou com a cabeça, engolindo em seco. Lá fora, começara uma chuva miudinha, e os alunos que se encontravam no pátio apressavam-se a recolher os seus pertences antes de se abrigarem no interior do edifício.

— Vamos começar — disse Dante.

Lennon pestanejou. Atrapalhada, disse:

— Hum... podias levantar o porquinho? Por favor?

— Eu disse para me *fazer*es levantá-lo. Não para me pedires que o fizesse.

Lennon não fazia ideia do que ele queria dizer com aquilo (o que esperava que ela fizesse? Materializasse do nada uma arma e o obrigasse a levantar o porquinho com o dedo no gatilho?), mas não se atreveu a perguntar. Em vez disso, concentrou-se na estatueta, intrigada com a sua origem. As suas orelhas estavam ligeiramente empinadas, e Lennon imaginou o artesão a formá-las com cuidado, a pinçar o barro húmido entre o polegar e o indicador antes de fixar a cauda

encaracolada e levar a peça ao forno, onde cozeria e escureceria até a terra macia se transformar em terracota chamuscada.

— Estás a tentar chegar a mim — corrigiu Dante. — Não ao porquinho.

Lennon ergueu o olhar, observando-o como fizera com as fotografias na fase anterior do exame. Os traços do seu rosto contavam histórias. Uma cicatriz prateada marcava-lhe o lado esquerdo do lábio, junto ao canto da boca — talvez de um lábio rebentado, mal cosido? Lennon não conseguia identificar a sua raça, mas percebia que, tal como ela, era maioritariamente negro, embora misturado com outra ascendência. Caucasiana, talvez?

Dante suportou o seu escrutínio sem qualquer expressão. As mãos mantinham-se imóveis, pousadas com firmeza sobre a secretária, uma de cada lado da estatueta do porquinho. Mas ela reparou numa ligeira fissura na máscara implacável da sua expressão. Parecia quase... desiludido. Consultou o relógio, um acessório de latão baço com uma correia de couro castanha, e Lennon podia jurar que o mostrador fora pintado para se assemelhar ao rosto de uma mulher.

— Isto é uma perda de tempo.

Ela foi invadida por uma súbita onda de raiva, tão intensa que lhe cortou a respiração.

Foi então que Lennon percebeu: tudo, até aquele momento, a tinha levado até ali. Aquela única oportunidade de um sucesso tão grande que poderia compensar as suas inúmeras falhas. Tudo o que a separava do sucesso era aquele homem arrogante diante de si e aquela *maldita* figura de porco. Faria com que ele a levantasse. *Tinha* de o fazer. Recusava-se a voltar para Wyatt com o rabo entre as pernas, derrotada, uma vez mais. Naquele instante, o seu desespero tornou-se tão esmagador que sentiu que a sua sobrevivência e o seu sucesso em Drayton eram quase sinónimos. E embora não soubesse na altura, estava certa.

Lennon sentiu uma espécie de agitação, uma pressão trémula que se acumulava atrás do esterno, como o zumbido das abelhas ou o som de um telefone a vibrar. Esta espalhou-se pelo seu peito e pelos

seus membros, adormecendo-os, e depois subiu até à sua cabeça, pulando incessantemente por detrás dos olhos, até a sua visão duplicar, viu Dante e a figura em cima da mesa à sua frente a duplicar, e depois a triplicar. O seu nariz começou a sangrar novamente, mais profusamente do que da última vez, salpicando a mesa, que estremeceu violentamente, com a cadeira e a mesa a rangerem em uníssonos. Mas, então, com o horror a crescer dentro de si, percebeu que não era a mesa que estava a tremer... era *ela*.

Alguns no fundo do corredor, ou nos recantos distantes da sua mente, jurou ouvir o toque da campainha de um elevador.

Os dedos de Dante contraíram-se. Ele esticou-os.

A convulsão foi-se intensificando e Lennon temeu que fosse vomitar, gritar ou perder-se numa paixão tão avassaladora que não sabia se conseguiria sobreviver. A paixão transformou-se em dor. Os seus ouvidos começaram a zumbir e percebeu que aquela dor era a mesma para a qual Benedict a tinha alertado. Continuava a tremer, agarrada à borda da secretária, com os nós dos dedos brancos de tanto esforço, tentando evitar ser arremessada para fora.

A mão de Dante deslizou pela mesa, avançando lentamente em direção à estatueta, e Lennon cerrou os dentes com tanta força que quase sentiu os molares partirem-se. A sua visão recuperou o foco e o tremor das suas mãos abrandou até se tornar apenas um leve estremeecer, enquanto olhava para Dante, com um pedido silencioso nos olhos. A força intangível da sua vontade a espalhar-se pela sala.

A chuva caía agora com mais intensidade.

A mão de Dante afastou-se da mesa e ficou a pairar, trémula, a poucos centímetros do porquinho, antes de o agarrar num movimento abrupto, como o de uma máquina de um salão de jogos com garra, quando as garras metálicas prendem um peluche. Ergueu a figura a poucos centímetros da secretária, com os olhos fixos em Lennon, antes de a deixar cair abruptamente, como se o tivesse queimado.

O porquinho saltou duas vezes, batendo no chão — o focinho partiu-se com o impacto —, e rolou pela sala, parando quase ao pé dos ténis de Lennon. Ela inclinou-se para fora da secretária para

o apanhar. Era mais pesado do que parecia, e a argila chamuscada era áspera ao toque.

Lennon voltou a fitar Dante, entreabrindo os lábios para lhe perguntar se tinha passado no exame, mas a sua língua permaneceu mole e inútil, como um pequeno animal morto no fundo da sua boca. Foi então que a exaustão se abateu sobre ela de forma esmagadora, e deixou-se cair na cadeira, tonta e completamente esgotada.

Dante fitou-a por mais um instante, depois assentiu com a cabeça, primeiro para si próprio e, em seguida, para Lennon, como se admitisse a derrota. No seu olhar, havia algo que se assemelhava a desprezo.

— Parabéns pela tua admissão em Drayton.

UMA UNIVERSIDADE MISTERIOSA, UM DOM
TÃO FASCINANTE QUANTO ATERRADOR
E UMA ALUNA QUE IRÁ PERCEBER QUE
AS LIÇÕES MAIS DURAS SE APRENDEM
FORA DA SALA DE AULA.

Quando Lennon Carter parece ter perdido o rumo da sua vida, recebe uma chamada a convidá-la para prestar provas de admissão na Universidade Drayton, uma escola de magia escondida num local secreto de Savannah.

Aí, é-lhe dito que esta seleção se deveu ao seu dom da persuasão, um poder perturbador que ela irá aprender a dominar com a ajuda de Dante, o carismático orientador que tanto a intimida como encanta.

Contudo, à medida que a sua instrução progride, Lennon começa a descobrir que a história de Drayton esconde segredos terríveis e que o dom da persuasão tem efeitos devastadores, ameaçando pôr tudo em perigo.

«*Academia da Mentira* é tudo o que se poderia pedir de um livro de *dark academia*, do ambiente às personagens, passando pela magia perversa e os segredos obscuros.»

Book Riot



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-727-4



9 789895 837274